

# O livro de contas do Soldado 834: contribuições à história da cultura escrita

Vania Grim Thies<sup>1</sup>  
Eliane Teresinha Peres<sup>2</sup>

## Soldado 834's ledger: contributions to the history of written culture

### Resumo

Este artigo tem como objetivo principal apresentar e compreender os registros escritos de um jovem agricultor que iniciou suas anotações, em uma pequena caderneta, quando começou o serviço militar, em 1942, e que perduraram até, pelo menos, 1952. Tais registros caracterizam-se como um livro de contas, entendido como o “livro de dinheiro pago/recebido”, combinado com anotações esparsas, especialmente de nomes e de endereços. O estudo revela que o jovem, que se transformou no Soldado 843, era falante da língua pomerana no âmbito familiar e comunitário, aprendeu em língua alemã na escola, no final dos anos de 1920, e teve necessidade de aperfeiçoar o português para prestar serviço militar. Sendo assim, também precisou organizar seu cotidiano “no papel”, como soldado e depois como trabalhador do campo, podendo, sua caderneta, ser caracterizada como um livro de contas e de anotações pessoais. Os referenciais teórico-metodológicos de análise referem-se à história da cultura escrita tendo como principais autores Hébrard (2001), Castillo Gómez (2003), Gomes (2004) e Galvão (2010).

**Palavras-chave:** história da cultura escrita; escrita; livro de contas

### Abstract

This paper's main goal is to present and to understand the written records of a young farmer who begun to write in a small notebook when he started his military service in 1942, and wrote until at least 1952. These records are a ledger, understood as a “book of amounts payed/received”, but they also contain sparse notes, specially names and addresses. The study shows that the young man who became Soldado 834 spoke the Pomeranian language in his family and community circles, undertook his school studies in German in the late 1920s, and had to perfect his Portuguese to serve in the military. Therefore, he also needed to organize his daily life “on paper”, first as a soldier and then as a farmer. His notebook can be analyzed, thus, as a ledger as well as a personal notebook. The theoretical references for this analysis concern the history of written culture, specially Hébrard (2001), Castillo Gómez (2003), Gomes (2004), and Galvão (2010).

**Keywords:** written culture history; writing; ledger.

1 Doutora em Educação (FaE/UFPe), professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação (FaE/UFPe) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (FaE/UFPe). Coordenadora Adjunta do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES/FaE/UFPe)E-mail: vaniagrim@gmail.com

2 Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, e desde 2001 atua no PPGE dessa mesma instituição. É líder do grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, CNPq). E-mail: eteperes@gmail.com



## Introdução

Este artigo tem como objetivo principal apresentar e procurar compreender os registros escritos, caracterizado como um livro de contas, realizados por um jovem, identificado neste trabalho como Soldado 834, durante o serviço militar. O período inicial dos apontamentos escritos compreende os anos de 1942 e pelo menos 1952. Portanto, começou o registro durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que o Brasil rompeu relações com a Alemanha, o Japão e a Itália e declarou guerra contra o Eixo (colocando-se ao lado dos Aliados). Isso acentuou ainda mais o projeto nacionalista de Getúlio Vargas que via alemães e teuto-brasileiros como uma ameaça<sup>3</sup>. Nesse contexto, em 1941, o jovem agricultor de descendência alemã<sup>4</sup>, que se tornou o Soldado 834, ingressou no serviço militar depois de uma trajetória de escolarização reduzida, de trabalho na lavoura, de inserção cultural e familiar na língua pomerana e alemã e, posteriormente, de um esforço de aprendizagem da língua portuguesa. Nesse contexto também adquiriu uma pequena caderneta e fez dela um livro de contas e de anotações esparsas.

O referido livro pertence atualmente ao acervo de escritas pessoais e familiares do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), da Faculdade de Educação da Univer-



- 3 Entre os anos de 1937 e 1946, foi Ministro da Guerra o General Eurico Gaspar Dutra. Para ver mais sobre esse período, especialmente sobre a seleção dos oficiais do Exército Brasileiro ver Rodrigues (2008). Para saber mais sobre as relações entre as forças armadas e a política brasileira ver Carvalho (2005). RODRIGUES, Fernando da Silva. Discriminação e intolerância: os indesejáveis na seleção dos oficiais do Exército Brasileiro (1937-1946). *Antiteses*, vol. 1, n. 2, jul.-dez. de 2008, pp. 455-474 <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- 4 Os grupos imigratórios alemães pomeranos se instalaram na Serra dos Tapes, na região meridional do RS predominantemente nos municípios de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul, entre outros, em meados do século XIX. A maioria da imigração na região foi de origem pomerana, oriundos da região norte da atual Alemanha, foram considerados inferiores a outras etnias germânicas (ROCHE, 1969, GRANZOW, 2009), sendo silenciados pela cultura alemã dominante. (THUM, 2010). Atualmente nas discussões em relação aos povos tradicionais há demarcação identitária para ser valorizada a etnia pomerana tendo como principal a ação a sistematização escrita da língua pomerana (TRESSMAN, 2008). Cabe ressaltar que os descendentes de pomeranos na maioria dos casos se auto denominavam como descendentes de alemão. GRANZOW, Klaus. *Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: Colonos Alemães no Brasil*. Vitória, Arquivo Público do Espírito Santo, 2009. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1969. THUM, Carmo. *Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. 2009. 383 f. *Tese* (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo. TRESSMANN, Ismael. O Pomerano: Uma Língua Baixo-Saxônica. In: *Revista da FARESE*, Santa Maria de Jetibá, ES, v. 1, n.1, jul./nov. 2008, p.10-21.

sidade Federal de Pelotas<sup>5</sup>. O artigo aqui apresentado resulta de um dos projetos desenvolvidos no grupo citado, denominado “Cultura escrita e educação do campo”, cujo objetivo principal é justamente identificar qual é o lugar simbólico e material que o escrito (leitura, escrita, oralidade) ocupa na vida de diferentes indivíduos, comunidades e/ou grupos sociais do campo. O propósito é analisar quais materiais de leitura e escrita circulam nesse espaço e como as pessoas lidam com a cultura escrita no cotidiano familiar, escolar, religioso, comunitário.

O trabalho de garimpar materiais escritos e práticas de leitura e escrita, especialmente entre moradores do campo e de recolher e fazer a guarda desse tipo de acervo tem origem em pesquisas já concluídas<sup>6</sup>. Nelas, a temática principal foi a escrita de diários por uma família de agricultores e entre as conclusões foi possível evidenciar que a escrita é tratada pelos irmãos agricultores como um bem simbólico que apresenta sentidos diferentes para cada um deles. Contudo, escrever para eles constitui-se um ato ético e estético de por “a vida por escrito” (THIES, 2008; 2013<sup>7</sup>).

Além disso, os dois trabalhos citados apontam, entre outras coisas, importantes contribuições acerca do uso de novas fontes de pesquisa, no caso, os diários masculinos, bem como contribuições para a História da Educação e da cultura escrita, na medida em que permitiram ver o que e como indivíduos “comuns” produzem uma memória de si (GOMES, 2004) nos registros escritos. Gomes<sup>8</sup> (2004, p.11), denomina as práticas de produção de si como:

[...] um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como

- 5 Atualmente o grupo de pesquisa é coordenado pelas professoras Eliane Peres e Vania Grim Thies (FaE/UFPe) e reúne pesquisadores da UFPe e de outras instituições de ensino da região sul, contando com a participação de pesquisadores, de alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e de graduação. As pesquisas realizadas pelos integrantes do HISALES se inserem basicamente em três eixos de estudos, como o próprio nome do grupo indica: 1) investigações sobre a história alfabetização; 2) pesquisas acerca das práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita (cultura escrita e práticas de letramento); 3) análises da produção, circulação e utilização de livros escolares elaborados por autoras gaúchas, especialmente entre os anos de 1940-1980 (período de criação, influência e produção didática do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais, CPOE, vinculado à Secretaria de Educação do Estado). Mais informações a respeito do HISALES, dos acervos, das ações, dos projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, podem ser vistas via internet, no site (<http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>) e no perfil na rede social Facebook (HISALES).
- 6 THIES, Vania Grim. Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores. 2008. 115 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/FaE - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas. THIES, Vania Grim. O autor-criador e o(s) outro(s): a estética da vida na escrita de diários de irmãos agricultores. 2013. 182 f. *Tese* (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação/FaE - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas.
- 7 *Ibidem*
- 8 GOMES, Angela de Castro (org.). *Escritas de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.



é o caso das autobiografias e dos diários – até, a da constituição de uma memória de si, realizadas pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções (GOMES, 2004, p.11).

Há diferentes materiais e formas de registro que supõem a “produção de si”: cartas, diários, memórias, bilhetes, fotografias, cartões postais, agendas, anotações esparsas, entre outros que, analisados individualmente ou no cotejamento com outras fontes de pesquisa, tornam-se potenciais para a pesquisa em História da Educação e da cultura escrita, pois podem indicar situações vividas e refletidas, bem como permitem compreender determinados contextos históricos de sua produção.

Nesse sentido, problematizamos o livro de contas do Soldado 834 como uma escrita de si: a produção de um indivíduo ‘comum’ que revela um período marcante na vida de um jovem soldado na busca de controlar suas contas e de treinar sua escrita por meio do registro de endereços e nomes.

O que nos motiva para essa análise é saber como os indivíduos, grupos e/ou comunidades lidam com o escrito (leitura, escrita e oralidade) no seu cotidiano. Nesse sentido, indaga-se: o que escrevem, onde escrevem, como escrevem as “pessoas comuns”? Que “rastros” da vida cotidiana deixam aqueles que escrevem sem fins escolares, profissionais ou literários? Onde vivem, como vivem e como se relacionam com o escrito nesses contextos? Em quais circunstâncias tiveram acesso ao escrito?

Um dos principais conceitos que tem sustentado o trabalho que vimos realizando é o de culturas do escrito (GALVÃO, 2010<sup>9</sup>). Segundo a autora, cultura escrita ou culturas do escrito, “é o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, 2010, p. 218).

Os estudos de Castillo Gómez (2003<sup>10</sup>) contribuem para problematizar a história da cultura escrita, especialmente para compreender a escrita não apenas como um sistema gráfico, mas, também, para “interrogarse principalmente por sus distintas funciones y las consiguientes prácticas materiales, siempre em referencia a las respectivas sociedades históricas” (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96), bem como o contexto social e histórico da produção. Dessa forma, pensamos que problematizar as distintas funções e usos do escrito é, também, uma das maneiras de se alcançar a dimensão simbólica da escrita, ou seja, analisar desde a acepção antropológica do escrito, “como toda e qualquer produção material e simbólica

9 GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes, CARVALHO, Gilcinei (orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

10 CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. Revista Brasileira de História da Educação – SBHE– Dossiê “O Público e o Privado na Educação Brasileira”. Editora Autores Associados, jan./jun. 2003. Nº 5.



produzida a partir do contato dos seres humanos com a natureza, com os outros seres humanos e com os próprios artefatos criados a partir dessas relações” (GALVÃO, 2010, p. 218).

Tomando essa perspectiva, neste trabalho procuramos analisar especificamente um livro de contas<sup>11</sup> que sobreviveu ao tempo, ao fogo e ao lixo (CUNHA, 2013<sup>12</sup>). Trata-se de um livro mantido por um soldado que prestou serviço militar no 13<sup>o</sup> Regimento de Cavalaria em um quartel localizado no município de Jaguarão, um pequeno município da região Sul do Rio Grande do Sul na fronteira com a República do Uruguai, no período da Segunda Guerra Mundial.

A possibilidade de explorar esse tipo de documento na História da Educação e, mais especificamente, no campo da História da Cultura Escrita, resulta das influências de correntes historiográficas que reconhecem que a história se faz com todos os vestígios do passado produzidos por homens e mulheres (MARROU, 1975; LE GOFF, 1996)<sup>13</sup>, e que reconfiguraram os objetos, as fontes, os temas e as abordagens da história, ampliando-as e complexificando-as (LE GOFF & NORA, 1995a; 1995b; 1995c)<sup>14</sup>.

Assim, primeiramente é preciso compreender que os livros de contas são “libros en los que se registraban los gastos de una casa, los deudores de un tienda, las transacciones comerciales, etc. Poco a poco, estos libros de cuentas fueron dejando espacio en sus páginas a anotaciones más personales” (CASTRO, 2009, p. 17<sup>15</sup>). Assim, além de assegurar o controle das finanças um registro dessa natureza pode, também, registrar aspectos da vida profissional, pessoal e privada daquele que o faz.

Hébrard (2001, p. 29<sup>16</sup>), ao problematizar a bibliografia material das escrituras ordinárias, atenta não só para os objetos conservados, mas, também, para as “representações que os autores nos dão das relações que estabelecem com seus cadernos ou cadernetas”. Para o autor, o livro de contas

- 11 No acervo de escritas pessoais e familiares do grupo de pesquisa HISALES há mais um livro de contas também bastante danificado pelo tempo, mas não há data nesse caso.
- 12 CUNHA, M. T. S. Territórios abertos para a História. In: Pinsky, C. B.; DE LUCA, T. R. O *historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 251-280.
- 13 MARROU, Henri. *Do conhecimento histórico*. 4<sup>a</sup> ed., Lisboa: Editorial Aster/ São Paulo: Martins Fontes, 1975; LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- 14 LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*. Novas Abordagens. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*. Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*. Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995c.
- 15 CASTRO, Guadalupe Adámez. Libros de familia. In: SIERRA BLAS, Verónica (Org). *Esos papeles tan llenos de vida: materiales para el estudio y edición de documentos personales*. CCG Edicions, Girona, 2009, p. 16-57.
- 16 HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas/SP: Editora Autores Associados, n<sup>o</sup> 1, p.115- 141, jan. / jun. 2001.



é o “livro de dinheiro pago” e que, muitas vezes, se desloca “das escrituras profissionais para as domésticas ou pessoais” (HÉBRARD, 2000, p. 38).

Conforme Cunha (2013, p. 255), “desde o final do século XVII e durante o século XVIII, diários, memórias, testemunhos, *livres de raison*, constituíram-se em procedimentos comuns da escritura pessoal”. Esses registros em diferentes formatos (cartas, diários, livros de contas, cadernetas, etc.) carregam testemunhos de vida de um determinado período para a História. Ou seja, tornam-se fontes privilegiadas para o estudo de uma determinada época e/ou contexto, bem como das relações dos indivíduos com o escrito, objeto e objetivo no caso deste artigo.

Para desenvolver o artigo dividimos o texto em duas seções. Na primeira, apresentamos dados e discutimos aspectos do domínio da língua pomerana, alemã e portuguesa, bem como da escolarização do jovem agricultor que mais tarde tornou-se o Soldado 834. Na segunda seção, procuramos problematizar e compreender esse registro que o soldado manteve quando havia recém ingressado no serviço militar, em 1942 até, pelo menos, o ano de 1952, última data que aparece no referido livro.

### *Soldado 834: aspectos da vida e da educação*<sup>17</sup>

O jovem soldado que manteve esse livro de contas, entre os anos de 1942 e, pelo menos, 1952, nasceu no ano de 1920, na localidade denominada de Sanga Funda, então município de Canguçu, RS. Oriundo de uma família de pequenos agricultores da zona rural do sul do estado do Rio Grande do Sul, precisou aprender a falar português para poder ingressar no serviço militar, já que falava apenas a língua pomerana e sua aprendizagem escolar se deu na língua alemã, no final dos anos 1920.

É importante salientar que, nesse período, a língua pomerana<sup>18</sup> ainda não era reconhecida como tal e era falada em âmbito doméstico ou em momentos de conversas com vizinhos e parentes no espaço comunitário. No meio social (igreja, escola) a língua falada era a alemã, que também passou a ser proibida a partir da Segunda Guerra Mundial, dando ênfase para a ‘brasilianidade’ dos imigrantes e seus descendentes que habitavam o sul do Brasil<sup>19</sup>.

17 Todas as informações referentes ao soldado e ao livro de contas foram obtidas no momento da doação, fato que se deve pela proximidade da família com um dos integrantes do grupo de pesquisa HISALES. Além disso, um dos procedimentos de recebimento e guarda de materiais do referido grupo é sempre de talhar ao máximo os dados dos proprietários/usuários e dos doadores.

18 A língua pomerana passou a contar com uma escrita padrão desde o ano 2000 (TRESSMANN, 2012). TRESSMANN, Ismael. *Arte iconográfica pomerana: tema do Pomerisch Kalener 2012*. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura de Santa Maria do Jetibá (ES). 2012. Mimeografado.

19 Esse contexto não diz da realidade apenas do Rio Grande do Sul, mas, também, dos estados do Espírito Santo, Santa Catarina, Minas Gerais e Rondônia nos quais a presença dos pomeranos é histórica, a exemplo do sul do Brasil e onde a língua é falada até os dias atuais (TRESSMANN, 2008).



Segundo Tressmann (2008, p.11), “os pomeranos são um povo camponês” [...] e o pomerano “é uma língua baixo-saxônica, isto é, uma língua saxônica das terras baixas da região do Mar Báltico”. O pomerano era classificado como dialeto e não como língua, geralmente associado aos colonos que trabalhavam na roça.

A parca escolarização do Soldado 834, como afirmamos, deu-se no final dos anos 1920, no contexto das escolas paroquiais ligadas às instituições religiosas. As escolas organizadas pelas comunidades religiosas eram também uma forma de cultivar e manter a organização cultural do grupo pomerano. A língua de aprendizagem escolar era o alemão, com materiais específicos e tendo como professor o pastor da igreja que, via de regra, mantinha a escola por meio de pagamentos realizados pelas famílias. Conforme Weiduschadt (2007, p.16<sup>20</sup>):

As escolas denominadas confessionais, ou seja, aquelas organizadas por comunidades ligadas a uma instituição religiosa, marcaram presença entre comunidades de imigração alemã, em especial, no Rio Grande do Sul. Na região meridional do Estado, nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul, as comunidades de imigrantes, em sua maioria constituídas por pomeranos, mantinham as formas de uma organização comunitária da escola relacionada com a religiosidade (WEIDUSCHAT, 2007, p.16).

O jovem que se tornaria soldado permaneceu na escola por pouco tempo, um ou dois anos, segundo as memórias familiares, considerado para a época, finais dos anos de 1920, o suficiente para ler, escrever e contar. Saiu da escola para ajudar os pais no trabalho com a terra.

No acervo do grupo de pesquisa HISALES, há dois cadernos escolares e uma cartilha em língua alemã pertencente à esposa do Soldado 834 e, embora não tenhamos seus próprios materiais escolares, os da esposa foram utilizados no mesmo contexto escolar e fornecem, portanto, indícios importantes da aprendizagem escolar em língua alemã nas escolas paroquiais e, no caso em estudo, da escolarização do próprio soldado.

Esses materiais, os cadernos e a cartilha em língua alemã, revelam que a aprendizagem se dava em alemão e, aos poucos, havia a passagem dessa língua para o português, com lições estudadas e copiadas tanto em uma língua, como em outra. Essa prática, do ensino bilíngue, foi se extinguindo paulatinamente conforme a onda nacionalista crescia. Os estudos de Kreutz (2000<sup>21</sup>) nos auxiliam na compreensão de que:

20 WEIDUSCHAT, Patrícia. O Sinodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar. 2007. 255 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

21 KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*. Set/Dez 2000, N° 15.

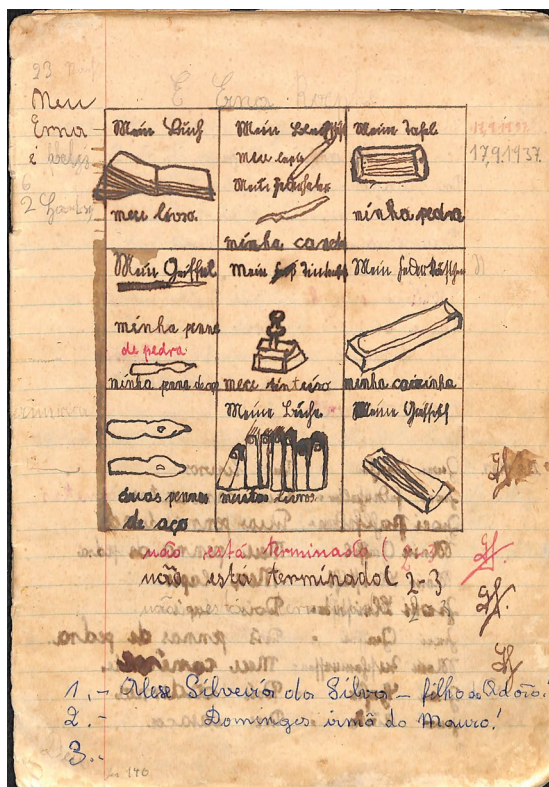




A partir da Primeira Guerra Mundial, o governo já havia iniciado um processo de nacionalização preventiva, abrindo escolas públicas perto das escolas comunitárias-étnicas, sem impedir, ainda, o funcionamento dessas. Começou a tratá-las com mais restrição a partir do final da década de 1920, com a crescentemente onda nacionalista. E em 1938/39, momento da nacionalização compulsória do ensino, essas escolas foram fechadas ou transformadas em escolas públicas, por meio de uma seqüência de decretos de nacionalização do ensino (KREUTZ, 2000, p.161).

Contudo, os cadernos e a cartilha da esposa do Soldado 834 que manuseamos para balizar a compreensão de que tipo de escola e a que tipo de ensino ele foi submetido, uma vez que o contexto de ambos foi o mesmo, revelam alguns aspectos importantes. Sabemos que ele chegou à escola como falante do pomerano, e que foi alfabetizado em alemão (final dos anos de 1920), prática que foi progressivamente abolida das escolas gaúchas, conforme refere Kreutz (2000), e, ainda, teve noções de português. Os cadernos usados pela sua esposa, no mesmo contexto, revelam isso, ou seja, o ensino em alemão associado a essas referidas noções de português.

Figura 01: Caderno de alfabetização (1937)



Fonte: Acervo de cadernos de alfabetização – HISALES

Em relação ao menino que se tornaria o Soldado 834, vale o questionamento de quão efetivo essa aprendizagem do português foi, uma vez que ficou na escola apenas dois ou três anos, conforme a família relatou



no momento da entrega dos materiais que hoje pertencem ao acervo referido (de ambos, dele e da esposa). Ao que tudo indica, essa aprendizagem não foi suficiente, pois como mostramos adiante, ele precisou de uma espécie de “imersão cultural” na língua antes de ingressar no serviço militar.

Em 1941, com a idade de 21 anos e em plena guerra mundial, o jovem agricultor foi convocado e ingressou no serviço militar, indo para o quartel da cidade de Jaguarão, RS, distante mais ou menos 150 km de seu lugar de moradia e lá se tornou o Soldado 834. Lá também permaneceu por um período maior do que o necessário, ou seja, ficou quatro anos, entre os anos de 1941-1945. Esse fato deu-se em razão do contexto da Segunda Guerra Mundial. Nessa situação, os jovens eram recrutados e poderiam permanecer mais tempo no serviço militar obrigatório em tempos de guerra. De acordo com o Decreto-lei nº 1.187<sup>22</sup>, de 4 de abril de 1939 que dispõe sobre o serviço militar obrigatório, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas, eram essas algumas das regras da obrigatoriedade do serviço militar:

Art. 5º A obrigatoriedade do serviço militar em tempo de paz, tem a duração de 25 anos para o Exército ou para a Marinha de Guerra e começa a partir do início do ano civil em que o indivíduo completa 21 anos de idade.[...]

§ 3º Em caso de guerra externa, ou para manter a integridade nacional, todo brasileiro maior de 18 anos e até uma idade que o Governo fixará em consequência das circunstâncias da ocasião, poderá ser chamado a prestar serviço em defesa da Pátria.

[...]

§ 2º A obrigatoriedade do serviço no Exército ativo, do chamado a incorporar-se, será de 12 a 24 meses, salvo casos previstos nesta lei e seu regulamento.

Além disso, o Soldado 834 pode ter ficado mais tempo no quartel possivelmente também em razão de que não sabia falar a língua vernácula correntemente. O mesmo Decreto Lei previa que: “Art. 13. A duração do tempo de serviço do incorporado que não falar correntemente a língua vernácula, poderá ser ampliada a critério dos Ministros da Guerra ou da Marinha” (Decreto-lei nº 1.187, de 4 de abril de 1939).

22 BRASIL. Decreto-lei nº 1.187, de 4 de abril de 1939. Dispõe sobre o serviço militar obrigatório. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De1187.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De1187.htm). Acessado em 07 mar. 2017.



Nesse sentido, o serviço militar também era, assim como a escola, uma instituição que trabalhava para efetivar a nacionalização e o verdadeiro “abrasileiramento” da população.

Mesmo que antes de ingressar no serviço militar o Soldado 834 morou temporariamente por alguns meses na casa de uma outra família para que pudesse aprender e praticar a língua portuguesa, tendo em vista que sua aprendizagem escolar se deu na língua alemã e no seu cotidiano a língua falada era o pomerano, conforme reiteradamente afirmamos, talvez essa aprendizagem não tenha sido considerada suficiente pelos superiores do Exército.

Também ao ingressar no quartel, por alguma razão, sentiu necessidade de “organizar”, por escrito, aspectos da vida, em especial registrar o soldo que recebia no quartel. Nesse contexto, manteve o livro de contas que será apresentado e problematizado na sequência.

136



### *O livro de contas*<sup>23</sup>

O pequeno livro de contas (uma pequena caderneta de folhas pautadas), objeto do estudo aqui empreendido, mede 8 cm de largura por 12,5 cm de altura e tem 23 páginas. Além disso, no estado atual, acusa um tempo distante do presente pelas suas condições de conservação. A capa que já fora preta, agora está descolada, deixando transparecer o papel no qual foi colada. Na contracapa há uma identificação a lápis, quase ilegível, com o nome do proprietário/usuário. Na contracapa, ainda, há o carimbo de identificação da livraria, provavelmente, onde o livreto foi comprado: “*A Miscellânea – Livraria e Typographia – Jaguarão*”.

No livreto, a escrita é escassa, por vezes apresenta apenas o ano, sem registro pormenorizado de data. O pequeno livro de contas serviu, entre outras coisas, para as anotações dos ganhos do soldado no período em que esteve no quartel. Sabe-se que no Estatuto dos Militares as regras são rígidas. No Estatuto de 1941<sup>24</sup>, por exemplo, estava previsto o que segue:

**Art. 72** Os vencimentos normais dos militares constam do soldo e gratificação, sendo esta igual à metade daquele.

**§ 1º** Serão iguais os vencimentos, vantagens e regalias conferidos aos militares das Forças Armadas, quando no exercício de funções ou cargos equivalentes.

23 Uma descrição preliminar desse material foi apresentada no 21º Encontro da ASPHE em Caxias do Sul (2015). Maiores informações podem ser encontradas no artigo de Thies (2015) *Fragmentos de vida em papéis: o acervo de escritas ordinárias do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES-FaE/UFPeL)*. Associação Sul Brasileira de Pesquisadores em História da Educação, ASPHE, Anais. UCS; Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Aqui se trata de versão revisada e ampliada

24 BRASIL. *Decreto Lei* nº 3.864, de 24 de novembro de 1941. Estatuto dos Militares. [http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.actionnumero=2186&tipo\\_norma=DEL&data=19400513&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.actionnumero=2186&tipo_norma=DEL&data=19400513&link=s). Acessado em 07 mar. 2017.

§ 2º Os vencimentos dos militares não são penhoráveis, salvo para o pagamento de alimentos à mulher ou aos filhos, quando condenados a esta prestação.

A impenhorabilidade não exclue providências disciplinares por parte do Comando, previstas em lei ou regulamento, tendentes a coagir o militar ao pagamento de dívida legalmente contraída (Decreto Lei nº 3.864, de 24 de novembro de 1941).

Ou seja, havia penas previstas (providências disciplinares) em caso de não pagamento de dívidas contraídas pelos militares. Assim, talvez a preocupação em observar com cuidado e atenção os gastos e as despesas tenha levado o Soldado 834 a iniciar o registro em uma caderneta que viria a ser um livro de contas e de anotações gerais.

Nas primeiras páginas há números, contas, nomes aleatórios, em alguns casos estão borrados e riscados. Tal registro é difícil de entender uma vez que principalmente os números e as contas não possuem dados complementares e, portanto, para quem procurar compreendê-los, no presente, torna-se tarefa difícil. Nesse caso, possivelmente somente o próprio proprietário do livreto sabia a natureza exata do registro. Na sequência da caderneta há nomes variados, também aleatórios nas páginas. A partir da página 06 há o ano e o registro de valores mensais. Isso se repete para os anos de 1942, 1943, 1944.

Assim, como se pode ver na imagem a seguir, para esses três anos, o registro é feito em duas páginas na seguinte forma: número do mês (1, 2, 3...) na primeira coluna e na segunda constam os valores:

Figura 02: Folha 06 do livro de contas do Soldado 843

Mês	Valor	Mês	Valor
1	4.000	1	208000
2	4.000	2	208300
3	4.000	3	208600
4	4.000	4	208900
5	4.000	5	209200
6	4.000	6	209500
7	4.000	7	209800
8	4.000	8	210100
9	4.000	9	210400
10	4.000	10	210700
11	4.000	11	211000
12	4.000	12	211300
13	4.000	13	211600
14	4.000	14	211900
15	4.000	15	212200
16	4.000	16	212500
17	4.000	17	212800
18	4.000	18	213100

Fonte: Acervo de escritas pessoais e familiares – HISALE

Supostamente, nesse caso, parece ser os valores recebidos e os valores gastos/pagos. No caso de 1942, na primeira página, os valores variam entre 8.000 e 10.000, com o registro nessa forma aqui reproduzida. Na página subsequente, aparece a abreviação *Re* e os valores que variam entre 20\$000 a 55\$60, assim anotados (com variação de dois ou três dígitos depois do cifrão). Há uma imprecisão no registro em relação a indicação dos valores, ora com uso do cifrão, ora com uso do ponto ou da vírgula, ora com dois dígitos depois do cifrão ou três, em alguns casos. Sabe-se que a moeda brasileira mudou naquele ano de 1942, de réis para cruzeiro. Assim, ao que tudo indica, o Soldado 834 estava se adaptando ao novo sistema e a forma de seu registro.

Para o caso do salário mínimo do início do ano de 1942 o valor era pago em réis e o total era de 240\$000. No final daquele ano, a partir do mês de novembro, o valor estava corrigido para cruzeiros e equivalia a 240,00<sup>25</sup>. Supondo que o valor recebido pelo soldado, conforme registrado no livro de contas no mês 11º mês do ano de 1942, tenha sido Crz\$ 55,40 (registrado como 55\$40, possivelmente em um registro que “misturava” o sistema monetário do réis, com o uso do cifrão e com duas casas decimais após vírgula, isso equivaleria a 23,08% do salário mínimo. Seria esse o ganho mensal do soldado? Parte de seu soldo? São questões que podemos apenas inferir pelos registros no livreto.

O mesmo tipo de registro foi feito para os anos de 1943 e 1944. Para o caso de 1944, além da sequência dos meses (do 1º ao 12º) há a abreviação *Pag*, indicado provavelmente para Pago/Pagamento. Nesse caso, o menor valor é 10.00 e o maior é 12.00, assim registrados. Na página seguinte do mesmo ano aparece o registro de *Re*, nesse caso indicando para Recebido. O menor valor é 2.88\$00 e o maior é 295\$50.

Na sequência das anotações novamente nomes, endereços, contas isoladas, números até a página 15 quando aparecem novamente os registros em forma de coluna, no ano de 1946. Nesse caso, o registro é de outra natureza, ou seja, valores e quantidades de comida. Seria um registro da casa? Da família? De vendas de produtos? Essas questões são possíveis de serem especuladas uma vez que o Soldado 834 já não estava mais no quartel naquele ano e havia se casado em 1946. Além disso, aparecem nomes de familiares, como do pai, por exemplo, ao lado e na sequência de dados de valores e quantidades de sacos de produtos (milho, batata, feijão). Esse registro também se repete para o ano de 1948. Há alguns outros registros (valores e quantidades de produtos agrícolas), mas sem data. Isso revela, também, que o registro do livro de contas iniciado no período do quartel foi incorporado na vida doméstica com a família, após o casamento.



25 Cf. *Série Histórica do Salário Mínimo* – valor. Disponível em <http://www5.jfpr.jus.br/ncont/salariomin.pdf>. Acessado em 07 mar. 2017.

O último registro datado é de 1952, que não se encontra nas últimas páginas, mas no meio da caderneta indicando, também, para um uso desordenado e não sequencial do suporte. Além disso, a data aponta para a longevidade do uso e da manutenção do livreto na vida do Soldado 834.

Como afirmamos, na caderneta, além de números e contas, há também anotações de nomes e endereços, apontando para a extensão da prática de controlar apenas as contas e fazer uso do suporte (caterneta, nesse caso) como uma forma de “guardar no papel” informações importantes da vida cotidiana. É preciso considerar que os anos de 1940 havia escassez desse produto e seu valor era alto, por isso era importante que o papel (cadernos, cadernetas, folhas soltas) disponível fosse usado com diferentes finalidades e que fosse bem aproveitado.

Para Hébrard (2001, p. 38), esses registros não são apenas de contas, de valores ganhos pelo trabalho, mas, também, de fragmentos da vida cotidiana e, nesse sentido, “são atos próximos e que progressivamente se confundem”. Ainda conforme as palavras do autor:

Prestar contas de suas despesas ou de sua vida são atos próximos e que progressivamente se confundem. O espaço gráfico do registro, em partida dobrada, revela-se um lugar onde as ordens estritas oferecem múltiplas possibilidades para ‘pôr em ordem’ os atos dispersos da existência (HÉBRARD, 2000, p. 39).

No caso do registro do soldado, os nomes anotados podem fazer referência à família, aos amigos, aos colegas de quartel. Não há como precisar essa informação, mas são registros que procuram colocar em ordem algo que poderia ficar disperso e se perderia caso não fosse anotado no livreto.

Além disso, o registro de nomes revela falta de domínio da escrita e algo como se fosse um treino para escrever corretamente. Associamos que a sua aprendizagem na escola em língua alemã, o contexto familiar de uso do pomerano e, ainda, o contexto do quartel de comunicação em português podem ser a razão para que o livro de contas fosse usado também como suporte para o treino da escrita.

A escrita do soldado é, assim, uma mescla daquilo que foi sua intenção primeira, qual seja, registrar o que recebia pelo trabalho e aquilo que gastava associado a fragmentos do seu cotidiano com o registro de nomes e endereços que revelam também traços da vida e das relações pessoais. O soldado manteve uma prática cultural mesmo que para escrever era preciso treinar nomes e aperfeiçoar sua caligrafia com o objetivo de, também, “cuidar de si” e daqueles que estavam próximos, bem como da vida cotidiana.



## Considerações finais

A primeira constatação na conclusão do presente artigo é acerca da dificuldade de análise desse tipo de material que aqui utilizamos, no caso, um livro de contas. Se de fato a história da cultura escrita está em busca de ampliação de referenciais para problematizar as práticas e os sentidos do escrito em diferentes contextos e entre diferentes indivíduos e/ou grupos sociais, é preciso um sobre-esforço para, não apenas salvaguardar materiais diversificados, como aprender a inquiri-los adequadamente e a construir sólidas análises. Procuramos responder as perguntas que propomos no início do trabalho problematizando um suporte específico: o que escrevem, onde escrevem, como escrevem as “pessoas comuns”? Que “rastros” da vida cotidiana deixam aqueles que escrevem sem fins escolares, profissionais ou literários? Onde vivem, como vivem e como se relacionam com o escrito nesses contextos? Em quais circunstâncias tiveram acesso ao escrito? Com pouca escolarização, circulando em distintos espaços e neles usando três línguas diferentes, o pomerano, língua doméstica, o alemão, língua escolar e “social” e o português, a língua obrigatória para o serviço militar, esse jovem deixou, por escrito, um registro de contas, gastos, valores recebidos, produtos (vendidos ou comprados?), endereços e nomes supostamente importantes. Em relação a esses últimos, nossa hipótese, pela recorrência e repetição, é a de que também se tratava de um *espaço gráfico* para o treino caligráfico. Possivelmente o fato de ter pouca escolaridade, falar pomerano e ter sido alfabetizado em alemão fazia do treino uma necessidade. A escrita corrente talvez não fosse uma habilidade do Soldado 834. Nem por isso, contudo, ele deixou de organizar parte do seu cotidiano “no papel”, como soldado e depois como trabalhador do campo.

